

JVC DR-MH30SE

Introdução

O JVC DR-MH30SE é um leitor/gravador de vídeo digital MPEG2.

A gravação pode fazer-se no seu disco rígido interno (HDD) de 160 GB, ou em discos ópticos DVD-R, DVD-RW e DVD-RAM.

Só o formato DVD-RAM permite o mesmo nível de funcionalidade que a gravação em HDD; os restantes formatos, pela natureza do suporte, levantam limitações, relativamente à edição dos capítulos. Todavia, não é sensato gravar-se directamente em qualquer tipo de disco óptico. A filosofia de utilização deste equipamento é a de gravar-se SEMPRE no HDD e só depois, quando os 160GB escassearem ou o momento for simplesmente oportuno, proceder-se à transferência dos conteúdos desejados.

Até aqui há zero novidades relativamente aos outros gravadores com HDD, com a eventual excepção dos 160GB constituírem uma capacidade líder. Em termos absolutos, o maior disco rígido comercial é uma proposta da Lacie, com 1024GB = 1 TB, mas esse produto é uma combinação inteligente de 4 unidades de 250GB, pelo que «sem combinações», os maiores discos rígidos comerciais têm 1/4 de TB.

As diferenças, de acordo com a documentação distribuída, estão no processo de dubbing (HDD->DVD), que acontece em dois momentos. Num primeiro momento, todo o conteúdo é temporariamente representado com a qualidade máxima (bitrate máxima, para buffer), e só depois é sujeito a um segundo encoding, que o adequa o mais perfeitamente possível ao espaço disponível no destino.

É um facto que codificações VBR (Variable Bit Rate) – que procuram adequar o consumo de bytes ao longo do tempo (largura de banda) à complexidade das imagens e do som –, têm o problema de, pontualmente, poderem subestimar ou exagerar as necessidades, apenas porque a transição na cena foi demasiado abrupta, relativamente ao passado recente que vinha servindo de referência para a estimativa.

A virtude do encoding VBR é o seu menor consumo de espaço no suporte de informação, relativamente a um processo CBR (Constant Bit Rate), que tenha a constante a um valor de grande qualidade.

Assim, o melhor dos dois mundos é, efectivamente, uma codificação em dois momentos, como a da JVC. Numa primeira passagem, codifica-se em CBR de constante máxima e depois, sem possibilidade de falhar na previsão, pois todas as frames já são conhecidas, aplica-se-lhes uma representação VBR, que permitirá poupar informação em todos os momentos em que a complexidade AV não tiver sido máxima.

Outra diferença, é a qualidade da interface gráfica com o utilizador. Cada gravação que se registre, fica representada na tabela de conteúdos (TOC)

para navegação no suporte, com uma thumbnail associada; isto é, com uma pequena imagem que corresponde à primeira frame de vídeo da sequência... o que não é novo.

O passo em frente é a utilização de uma pequena janela no canto superior esquerdo do menú de navegação, onde vai sendo reproduzida a entrada seleccionada na TOC, com som! Por exemplo, se o utilizador usar as teclas cursoras do telecomando para navegar até outro capítulo, mesmo antes de confirmar a selecção, tem a sua visualização nessa pequena janela.

Esta apresentação da tabela de conteúdos é adequada para navegação em HDD, mas algo pesada para navegação em DVD(-R, -RW, -RAM), principalmente se houver muitos capítulos e o utilizador for impaciente; afinal, mudar de capítulo seleccionado, corresponde a fazer-lhe play, ainda que na janela de preview, e os tempos de acesso em disco óptico são muito mais elevados do que em HDD, pelo que a resposta da máquina poderá não ser imediata.

Para lá da thumbnail, cada entrada na TOC tem ainda informação de duração, data e qualidade.

A qualidade de gravação, que determina a violência do encoder MPEG2, varia entre "XP" e "EP" (XP, SP, LP, EP). O modo mais sensato é o abaixo de XP, de nome SP, pois a perda de qualidade é negligenciável e o consumo de bytes cai aproximadamente para metade!

O modo EP permite gravações ainda de qualidade muito razoável, o que me deixou impressionado, considerando a tremenda economia que se consegue, na ordem dos 700%, relativamente a XP.

Durante horas, pensei ter identificado um problema sério no equipamento: a impossibilidade de activar um descodificador externo, ligado à única conexão scart existente para o efeito.

A sintonia automática de canais identifica todos os canais, incluindo os codificados, mas a edição manual da lista de sintonias, embora tenha uma entrada para "decoder", só tem a opção de "off/desligado", pelo que o utilizador não tem, aparentemente, hipótese...

Afinal, existe uma opção algo escondida (telecomando; rebater tampa; initial setup; function setup; L-2 select; decoder) que resolve o problema... tornando possível ver e registar canais codificados, com um descodificador legítimo.

Este initial setup do equipamento é primeira coisa que o utilizador terá que fazer, havendo opções para ajustar todas as preferências imagináveis, devidamente organizadas. A busca dos canais é muito eficaz, do ponto de vista da completude, e acontece a uma velocidade razoável.

O exemplar que recebi para teste, é distribuído com dois discos que pretendem ilustrar freeze points (pontos de bloqueio) em certas sequências de vídeo e também problemas digitais clássicos, como efeitos de blocos, efeitos mosquito (bloquinhos...) e movimentos estranhos (em cenas de

ondulação, por exemplo), em função do registo ter sido feito com encoding VBR ou de duas passagens.

Uma das sequências de vídeo está enferma com os freeze points; outra foi editada pelo DR-MH30SE, para ilustrar um modo de edição designado de freeze-less, que ilustra como, apesar de tudo, é/foi possível o dubbing de todo o conteúdo.

As cenas em causa são, parecem-me, filmadas no porto de Mônaco, com uma qualidade soberba, e foram «entradas» no JVC pelo input auxiliar, que se encontra na frente do aparelho, escondido atrás de uma tampinha rebatível, e que exhibe fichas s-vhs, vídeo composto + áudio estéreo e firewire, esta última precisamente para a ligação de câmaras com conexão compatível.

A parte de trás do JVC DR-MH30SE oferece:

- 1x saída de áudio digital, óptica por ficha toslink
- 1x saída de áudio digital, eléctrica por ficha RCA
- 1x saída de áudio analógico estéreo, por fichas RCA
- 1x saída AV, por ficha scart/euro-conector
- 1x saída AV, por ficha scart/euro-conector, configurável para ligação a um descodificador ou receptor de satélite
- 1x saída de vídeo analógico, por componentes {Y, Pb, Pr}
- 1x saída de vídeo analógico, s-video por ficha s-vhs

É possível ligar o componente Y da saída por componentes, a equipamentos que não tenham entrada de vídeo por componentes, mas tenham uma entrada de vídeo composto.

A frente do equipamento é mais slim/delgada do que o típico e ilumina-se em tons de azul cyan, com uma intensidade configurável. O desenho é minimalista: gaveta central para o disco óptico e teclas de navegação, em fila, à sua direita. Nada mais. Isso torna o telecomando crucial.

O telecomando RM-SDR011E está muito bem concebido, com teclas com formas e disposição sensatas, consoante a utilização previsível. O mais assinalável é a existência de botões que alternam entre funcionamento usando suporte HDD ou DVD. Uma tampinha rebatível abriga os botões menos populares, entre os quais se encontra o de setup inicial, a utilização de progressive scan (linhas desenhadas em sequência, em vez de um momento para as ímpares e outro para as pares) e temporizadores baseados em VPS/PDC.

Opinião

Em poucas palavras, a qualidade da imagem gravada e reproduzida é excelente; a interface com o utilizador excelente é; e a capacidade disponível é uma referência no presente.

As folhas distribuídas com o aparelho falam da possibilidade de «crashes» durante certas operações muito particulares. Isso não aconteceu comigo,

mas admito que não fiz edições muito complexas, nem desliguei o aparelho propositadamente durante dubbings... Em todo o caso, existem sequências de teclas, para recuperar a máquina do estado de «crashed».

Uma das opções mais invulgares no DR-MH30SE é a chamada Live Memory, activável a partir do menu de HDD/DVD Setup. Esta opção faz com que o aparelho comece a gravar, assim que é ligado, dando depois ao utilizador a possibilidade de preservar a gravação, caso o programa se tenha provado interessante.

Eu prefiro ter um controlo mais explícito da gravação, pelo que não explorei a Live Memory.

Apesar de toda a excelência, o encoding MPEG2 não deixa de ser um processo com perda de informação, eventualmente observável, em cenas tremendamente complexas. Aqui não há nada que a JVC possa fazer.

Depois de um esforço razoável, identifiquei um tipo de cenas onde é regularmente possível observar perda de informação, mesmo em modo XP.

As imagens oficiais do Rally da Acrópole de 2004, mostram-nos umas estradas de terra e calhaus, com ervas altas nas bermas. O problema está nessa vegetação. Quando um carro passa a grande velocidade, tudo é soberbamente digitalizado, com todo o detalhe... excepto as ervas.

Imagine centenas de ervinhas na vertical, ondulando ao sabor da deslocação de ar provocada pelos automóveis. Essas centenas de ervinhas, tendem a perder a sua individualidade e a transformarem-se em dezenas de ervas mais grossas. É algo que só se percebe, confrontando as imagens MPEG2 com imagens analógicas, de preferência em directo. É uma preciosidade, mas é um facto.

A confrontação com o directo só é possível, porque o DR-MH30SE tem um tempo de atraso, relativamente às emissões originais, na ordem dos três, quatro segundos. É muito segundo. Este tempo de intervalo, variável consoante a complexidade das cenas, corresponde à actuação do codificador MPEG2, sempre activo. Isto significa que a imagem que se vê, quando se usa o JVC como sintonizador, nunca é a imagem directa, mas a imagem processada.

Se há alguma coisa que eu mudaria, seria exactamente isto. Eu prefiro ver as imagens sem qualquer processamento e sem tempos de atraso, mesmo que isso não me dê feedback imediato do resultado do encoding – esse poderei testemunhá-lo, fazendo, depois, play do capítulo correspondente.

A vegetação e o tempo de atraso são dois detalhes que não furtam o estatuto de referência presente a este equipamento. Aliás, quanto à vegetação nas circunstâncias que a descrevi, a não ser que não se importe em consumir 1 GB por cada 5 minutos de vídeo MPEG2, não há nada que possa ser feito.

Resumo

O JVC DR-MH30SE é um leitor/gravador de vídeo digital MPEG2, em disco óptico e, acima de tudo, em HDD interno de 160GB.
A qualidade das gravações, a qualidade da interface com o utilizador e a sua tremenda funcionalidade, elevam-no ao estatuto de referência presente.